



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**Matsumoto Yassuiti Sensei**  
**(entrevista)**

**São Paulo, SP**

**2007**

**GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Número da entrevista:** E-957

**Nome do/a entrevistado:** Matsumoto Yassuiti Sensei

**Local da entrevista:** São Paulo, SP

**Entrevistador:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Data da entrevista:** 22/05/2007

**Transcrição:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Tradução:** Zen

**Copidesque:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Revisão:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa de termos:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 45 minutos.

**Páginas Digitadas:** 14.

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

\*\* Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: YASSUITI SENSEI, Matsumoto. Entrevista com Matsumoto Yassuiti Sensei concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 22 mai 2007, 17 p.

## **SUMÁRIO**

Imigração para o Brasil; Prática do Judô e do Kendo; Preconceito no Brasil; Cultura japonesa; Artes Marciais e Esporte; Relação com outros imigrantes.

São Paulo (SP), **22 de maio de 2007**. Entrevista com Matsumoto Yassuiti Sensei (**M.Y.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

F.M. – Perdão sensei, é, quando o senhor, é, o senhor, o senhor é brasileiro? Nasceu no Brasil?

M.Y. – Eu, bom, o, começou o kendo um ano atrás. Faz 60, 60 anos através, mais ou menos. ...no Brasil

F.M. – E o senhor é nascido no Brasil também ou...

M.Y. – Não. Eu só veio com 15 anos. Agora eu tenho 90 anos. 90 anos agora.

F.M. – E, e veio direto para São Paulo ou...?

M.Y. – Veio pra São Paulo. Bruno Mogiana...

F.M. – Ah, Mogiana.

M.Y. – ...Batatais...

F.M. – Hum.

M.Y. – ...perto de Minas Gerais.

F.M. – Humrum.

M.Y. – Começou colônia, né? Colônia, colonia, colono.

F.M. – Humrum. E quando veio pro Brasil? Foi em que ano?

M.Y. – Hum?

F.M. – Perdão, perdão, quando veio pra São Paulo?

M.Y. – É, pra São Paulo veio faz 31 anos e antes tava em Londrina, Paraná. 30 anos. Leciono judô. Eu sou treinador de judô, kendo eu... tem 11 anos.

F.M. – Hum. E, e tanto o judô quanto o kendo o senhor aprendeu aqui no Brasil ou...

M.Y. – Non, non, non, non, non. No Japon.

F.M. – No Japão?

M.Y. – É. No Japon começou, 11 anos começou judô e kendo.

F.M. – E aí veio pro Brasil e começou a ensinar primeiro judô?

M.Y. – É.

F.M. – Tinha dificuldade de ensinar o kendo no começo? Por quê que num...?

M.Y. – Não, é, no Paraná, na lavora, quando eu tava trabalhando lavora, prantar algodão, a prantar arroz. Aí também eu treinava kendo e judô, né. Foi os dois.

F.M. – Mas ensinava, é, era uma academia que..., era uma academia ou ensinava dentro da colônia?

M.Y. – Non, dentro, dentro, só na colônia. ... de fazen..., fazenda né?

F.M. – Sensei, na época, nesse, nesse começo no Brasil aí, a 60 anos atrás, o senhor percebia algum tipo de preconceito que as pessoas tinham com relação aos japoneses aqui no Brasil ou não?

M.Y. – É tinha bastante japonês.

F.M. – Não, não, mas tinha preconceito dos Brasileiros para com os japoneses?

(Zen traduz para mestre)

M.Y. – Non, non. Tudo bem né, fazia...

F.M. – Pessoal tratava bem?

M.Y. – é. Tratava bem.

F.M. – E na época, é, esse tempo no Paraná foi em que época? Que ano?

M.Y. – É, depois de casar, casou em 60, 60 anos atrás. Agora começou lecionar kendo e judô da, antes de 70 anos, 70 ano atrás. No tempo de moço, né. Antes de casar.

F.M. – O senhor nasceu em que ano?

M.Y. – 1917.

F.M. – Ah, 1917.

M.Y. – É, nessa data.

F.M. – Na época da segunda Guerra, o senhor estava em São Paulo ou...

M.Y. – Tava em São Paulo.

F.M. – Tava em São Paulo?

M.Y. – É.

F.M. – E num, num teve perseguição na cidade por causa disso?

M.Y. – Non, eu tava em Londrina. Mas nós non... com briga de nada.

F.M. – Hum. Por que...

M.Y. – Tinha amigo, tinha Shindo Renmei...

F.M. – Humrum.

M.Y. – Sabe né?

F.M. – Humrum.

M.Y. – Shindo Renmei e..., é aqueles que falam que, que japon ganhou e outros fala que isso, que japon perdeu.

F.M. – Humrum.

M.Y. – E mais nós, nós lá em Londrina nunca brigou a isso a me... Mas eu sou de, de Katigumi. Não é Shindo Renmei.

F.M. – Hum.

M.Y. – Katigumi que diz que Japon ganhou. Mas logo logo eu ia perceber que Japon perdeu, já sabia né. Mas eu não falei isso pra amigo, os amigos meu era tudo é que, pensa que tá ganhando, que ganhou, né. Então non, seu... que perdeu, então já fica..., amigo fica assim...

F.M. – Já perde a amizade?

M.Y. – Perde a amizade, mas non, non falou nada.

F.M. – E, nessa época, os brasileiros olhavam de forma errada você assim...

M.Y. – Non. Pra mim non.

F.M. – Não tinha problema?

M.Y. – Non tinha problema.

F.M. – Lá em Londrina não tinha problema nenhum?

M.Y. – Non teve nada disso.

F.M. – Aí pra São Paulo, foi, já era década..., já foi em 60 que o senhor veio pra cá?

M.Y. – É. 60.

F.M. – Década de 60.

M.Y. – Moro 31 ano aqui em São Paulo. Eu, eu..., Londrina 60 anos atrás.

F.M. – Hum.

M.Y. – Londrina. Paraná.

F.M. – E aí, como..., quando o senhor chegou aqui na Liberdade então não era, já, já, os japoneses aqui já estavam bem instalados?

M.Y. – Enton, eu tô..., eu moro aqui pertinho né.

F.M. – Hum.

M.Y. – Enton já começou com o kendo.



F.M. – Aí veio pra cá, pro Centro Cultural e..., Centro da Cultura Japonesa e começou a treinar o kendo?

M.Y. – É.

F.M. – Lá, lá em Londrina, é, judô, mas só pra colônia?

M.Y. – Judô também, kendo também. Domingo assim...

F.M. – Humrum.

M.Y. – ...tinha... pra Londrina. E tinha colega de kendo também tinha. Enton todo domingo assim treinava kendo.

F.M. – É, uma outra pergunta, é, eu tava, eu entrevistei um outro, um sensei de caratê um tempo atrás e ele dizia que na época da Segunda Guerra, os japoneses daqui da liberdade tiveram que se mudar daqui. Eles foram pra onde hoje é a Vila Mariana, onde é a, o bairro da Saúde porque existia uma, um certo preconceito, né, para com os japoneses aqui, achando que esses japoneses eram, podiam ser espiões ou alguma coisa do tipo. Então, por isso essas pessoas foram levadas aqui da Liberdade. É, o senhor teve algum familiar, alguma coisa?

M.Y. – Non, non.

F.M. – Lá em Londrina não teve esse tipo de problema?

M.Y. – Non, non. Londrina non tinha nada.

F.M. – É uma, uma outra questão do meu trabalho é justamente ver de que maneira, é, as artes marciais ajudaram aí a, a, colônia e as pessoas de origem japonesa a se instalar no Brasil. É, o, o senhor veio com 15 anos pra cá, né? E deve ter estranhado muito os costumes...

M.Y. – É. Então...

F.M. – ...das pessoas aqui, né?

M.Y. – ...eu, eu tinha pensamento até... eu era menor, eu queria voltar Japon.

F.M. – Hum.

M.Y. – Mas agora non, agora, depois que casou... aí já vinha filho brasileiro e minha idéia mudou pensamento. E agora, hoje eu tô, tô pensando em ter outro..., tava aqui no Brasil, foi bom viu?

F.M. – Hum.

M.Y. – O Brasil país, país de futuro.

F.M. – Hum.

M.Y. – País estoro.

F.M. – Então, hoje o senhor acha que foi bom ter vindo pro Brasil?

M.Y. – E o brasileiro também é..., brasileiro, brasileiro é bom de bom. Tem bom, Brasil tem muita gente trabalhando, terra boa, tem bastante ruim, mas geralmente brasileiro é tudo bonzinho.

F.M. – Tranqüilo?

M.Y. – É.

F.M. – E, e, do Japão, de que lugar o senhor veio? De lá do Japão?

M.Y. – É Kyoshi Kuoka. Kuoka, Soroh.

F.M. – Soroh no Japão.

M.Y. – Soroh, no Japão.

F.M. – Então tá certo. Acho que era mais ou menos essa, essa idéia, essas questões.

[Fita interrompida]

M.Y. – Começou 11 ano e hoje tô, tô noventa ano já.

F.M. – Hum.

M.Y. – Eu tou com 90 ano e tá treinando ainda. Tô treinando ainda.

F.M. – O, o, então, deixa eu só, eu lembrei de um ponto, é, as artes marciais aí no caso o kendo e o judô, de alguma forma o senhor acredita que isso ajudou os brasileiros a se aproximar das pessoas de origem japonesa ou não?

M.Y. – Judô origem...

F.M. – Isso.

M.Y. – ...e o kendo também origem japonesa. E o kendo é bushido. Conhece bushido?

F.M. – Humrum.

M.Y. – É, bushido, o..., se não tivesse interior Japon, treinador pelo Japon...

F.M. – Humrum.

M.Y. – ...não tinha esse bushido. Acaba tudo esse. Bushido é..., bushido é..., kendo essas coisas se não tiver o império vermelho, imperador, acaba.

[Zen fala com Sensei]

M.Y. – Bushido quem dó... Judô, non, é outra coisa né?

[Zen fala com Matsumoto]

Zen diz: Falou que é judô, né.

F.M. – Hum.

Zen diz: Eu perguntei se aqui não teve pelo fato de ter praticado entre... O judô ajudou a, a conseguir viver aqui, entre eles.

F.M. – Perguntar pra ele se teve muita dificuldade no início pra entender o Brasil.

M.Y. – Brasil non, do... (fala em japonês)

[Zen conversa com Matsumoto]

M.Y. – Pra viver no Brasil é mais, mais fácil do que viver no Japão. Japão é mais fácil, mais difícil.

[Matsumoto fala em japonês]

Zen: Ah, a proximidade das pessoas, por exemplo, é mais difícil.

F.M. – O relacionamento com o brasileiro é mais fácil?

M.Y. – Brasileiro tudo fica amigo.

F.M. – Hum.

Zen: No Japão era mais difícil.

M.Y. – ... já fica amigo, brasileiro.

F.M. – Já chama pra conhecer a casa.

M.Y. – No Japon non, no Japon é difícil viu? Pra, pra fazer amigo é difícil.

F.M. – Então, agora eu queria fazer uma pergunta mais relacionada com a arte marcial e com o esporte, é, tanto, tanto o judô quanto o kendo hoje são tidos como esporte, né? Mas você teria, você tem aí a forma, teoricamente menos esportiva do kendo que seria o kenjo. Então, como é que é essa questão? O kendo hoje, ele é um esporte, ele é uma arte marcial?

M.Y. – Pra mim, pra mim, sentimento meu, não é esporte.

F.M. – Humrum.

M.Y. – Espiritual. Kendo pra mim é espiritual.

F.M. – Uma forma de aprender a filosofia oriental e de viver essa filosofia? E, e o que o senhor acha, é, desse processo que aconteceu com as artes marciais? Hoje você tem as artes marciais, não só no Brasil mas em outros países do ocidente sendo, é, é por pessoas ocidentais, que num, num tem a mesma...

M.Y. – ...

F.M. – Isso. Não tem a mesma relação, aí, com a filosofia oriental e aí, acabam trabalhando elas como esporte. É, como é que o senhor vê esta questão?

M.Y. – Como esporte, isso mesmo, né. Como judô tá, ficou melhor, kendo também tá... O kendo não participa no Olimpíada. Não participa, né?

F.M. – Hum.

M.Y. – Mas tem competição de mundial, do kendo. Mas assim memo, kendo pouquinho diferente do que outros esporte [muito barulho] Hoje, hoje em dia ... é esporte né? Vai dar, mas kendo diferente. Não é esporte, esporte non verdade esporte, espiritual. Paz espiritual.

F.M. – É, é, eu entrevistando uma vez um mestre coreano de taekwondo, ele me disse que, é, é você tem o taekwondo esporte hoje, que vai pras Olimpíadas, né, e ele dizia que isso é só a parte que aparece, né. Que na realidade o que é mais importante não é a questão da competição, é o dia a dia da academia, é o dia a dia da prática que daí você aprende outros elementos além da própria questão da competição. Que é a filosofia, o próprio costume oriental e, aí eu perguntei..., e a pergunta que eu fiz pra ele depois disso foi justamente se ele se preocupa com o que vai acontecer com o taekwondo, e aí eu pergunto como que vai..., se o senhor se preocupa com o que vai acontecer com o kendo na medida que as pessoas de origem oriental forem de certa forma se afastando e, e se isso acontecer... Porque o judô hoje, por exemplo, você tem muito mais brasileiro trabalhando do que oriental propriamente, né, e isso trás algumas questões, né, com relação a esse lado da filosofia, né. Como é que o senhor vê essa questão?

M.Y. – O kendo, o kendo é diferente, né. Mas, mas japonês, coreano. O brasileiro tem pouquinho brasileiro.

F.M. – É.

M.Y. – Mas, mas já começou brasileiro também fazer kendo. Mas maioria japonês e coreano. Coreano no mundialmente coreano é um pouquinho forte viu? Coreano querem, quer ganhar de Japon, aí, esse, esse ano, no mundial, ele ganhou.

F.M. – Hum.

M.Y. – Primeiro lugar. Segundo foi americano. Japon, terceiro lugar. Sempre ganha agora, sempre... Japon.

[Zen conversa com Sensei]

M.Y. – Bushido só japonês que tem, né? O coreano, outros países non tem sentimento de Bushido.

Zen: Ele tá preocupado que só japonês que tem [risos].

F.M. – Ah.

[Zen conversa com Matsumoto]

Zen: Mas essa outra história..., estranho a... mas só tem Kendo. Pra esses esportes. Pra esses esporte. É, pra nós, pra japonês, pra mim é Budo. Kendo, kendo é caminho.

F.M. – Humrum.

M.Y. – Ken é espada, do é caminho. Caminho espada.

F.M. – Então, em outros lugares o senhor acha que não tem a preocupação com o caminho?

M.Y. – É, caminho.

F.M. – É só por esporte, só?

M.Y. – É, é. Aí que tem diferença, né. Japonês tem que ter sentimento de caminho espiritual. Agora, estranho ,de outro país, esporte.

F.M. – Sensei, o senhor disse que num teve problema aqui no Brasil...

M.Y. – Non, non.

F.M. – ...pra, pra, com as pessoas, foi muito bem recebido, não teve problema né?

M.Y. – Non teve.

F.M. – E como é que foi o relacionamento, é, do senhor com os outros imigrantes orientais, com chineses, como coreanos? É, o senhor chegou aqui em mil novecentos e, chegou aqui em mil novecentos e?

M.Y. – 32

F.M. – ...1932. Ainda, ainda o Japão tava ocupando a Coréia, nessa época, né, e depois os coreanos começam a chegar no Brasil na década de 60. Teve algum tipo de relacionamento ruim dos japoneses com os...

M.Y. – No Brasil, non tinha non.

F.M. – No Brasil não?

M.Y. – Non.

F.M. – Nem com os chineses, nada.

M.Y. – Nada.

F.M. – Então aquelas disputas que aconteciam lá no Japão, lá na China não foram trazidas pra cá?

M.Y. – Non, non, non.

F.M. – Pelo menos o senhor não teve contato com isso?

M.Y. – É. Coreano, chinês tudo pensamento diferente. Pensamento deles.



F.M. – Chegou no Brasil, aqui é o Brasil é outra coisa?

M.Y. – É outra coisa.

F.M. – Agradecer o sensei, obrigado pela atenção.

[FINAL DA ENTREVISTA]